

Projeto Conexão Local:

Desenvolvimento como Expansão de Capacidades
na Associação e Cooperativa Reca

Estudantes: Emma Cunha Lima
Renata Noronha Cossio
Thaís Espinosa Alonso

Supervisor: Thomaz Barbosa

Experiência: Associação e Cooperativa Reca
Localidade: Distrito de Nova Califórnia, Porto Velho, Rondônia

Conexão Local 2015

Alunas: Emma Cunha Lima, Thaís Alonso e Renata Cossio

Experiência: Associação e Cooperativa Reca (Reflorestamento Econômico Consorciado Adensado) – Porto Velho, Rondônia

Resumo:

[INTRODUÇÃO] A Associação e Cooperativa Reca (Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado), localizada em Nova Califórnia, um distrito de Porto Velho localizado a 370 km do centro do município, foi fundada por uma união entre agricultores sulistas e seringueiros locais como meio de sobrevivência frente a um cenário de pobreza extrema e abandono do olhar público para a população desta região. Eles produzem e beneficiam frutos nativos da Amazônia de um modo sustentável ao realizar reflorestamento por meio de sua atividade econômica. [METODOLOGIA] Conforme a proposta do Programa Conexão Local de imersão em uma realidade distinta, passamos 20 dias acompanhando o trabalho e o dia-a-dia da organização. Em um primeiro momento foram realizadas entrevistas com órgãos públicos no centro de Porto Velho; em seguida, o grupo se instalou em Nova Califórnia, tendo passado antes por Nova Mutum, uma vila construída pela Usina de Jirau para realocação de comunidades em regiões que foram inundadas devido a construção da barragem. Lá entrevistamos habitantes do distrito, membros da associação, e representantes das organizações locais, acompanhou também visitas de campo aos produtores, reuniões de grupos de discussão referente ao funcionamento da cooperativa, além de conversas com outras organizações influentes no local. Também visitamos uma cooperativa localizada em uma reserva extrativista chamada Lago Cuniã. [DESENVOLVIMENTO] Examinamos a importância de uma associação/cooperativa para uma comunidade, ou seja, como ela contribui para aumentar capacidades dos indivíduos. Para tal, buscamos nos aprofundar nos conceitos de associativismo e cooperativismo, partindo da teoria de Amartya Sen sobre desenvolvimento como expansão das capacidades dos indivíduos, sempre em paralelo com a experiência vivida. A realidade com que nos deparamos foi de uma associação que cresceu muito desde o seu surgimento. Hoje ele possui investimentos por meio do BNDES e apoio de grandes empresas, o que possibilita planos de expansão, como o de triplicação da produção, mas também vivencia desafios, como a dificuldade de encontrar pessoas capacitadas para realizar as atividades técnicas da cooperativa e a de conter o abandono da produção agrícola em detrimento de outras fontes de renda trazidas com a urbanização. [CONCLUSÃO] Pelo trabalho desenvolvido, vimos que os valores e princípios que regem associações e cooperativas condizem com a ideia de expansão de capacidades, isto é, de escolhas dos indivíduos, tanto pela possibilidade de aumento na renda quanto pelo acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento de diferentes habilidades, entre outros fatores. Percebemos este fenômeno no Reca por observarmos uma grande diferença entre a qualidade de vida das pessoas impactadas pelo trabalho da cooperativa e as de outras regiões, como Nova Mutum, a qual não tem nenhum movimento organizado expressivo, e o Lago Cuniã, com uma comunidade ribeirinha isolada com uma organização cooperativa recente.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO.....	5
1. INTRODUÇÃO	6
1.1. PANORAMA HISTÓRICO.....	6
1.2. FORMAÇÃO DEMOGRÁFICA	9
2. REFLEXÃO TEÓRICA.....	10
2.1. ASSOCIAÇÕES E COOPERATIVAS.....	12
3. METODOLOGIA.....	13
3.1. MERGULHANDO NO CAMPO	13
4. DESENVOLVIMENTO	15
4.1. VIDA LONGA E SAUDÁVEL.....	16
4.2. GANHAR CONHECIMENTO.....	17
4.3. ACESSO A RECURSOS NECESSÁRIOS PARA TER UM PADRÃO DE VIDA DESCENTE.....	19
5. CONCLUSÃO	20
ANEXOS	22
ANEXO I - EXPLICAÇÃO SOBRE O TRABALHO DESENVOLVIDO PELOS TÉCNICOS AGRÍCOLAS E SOBRE AS LINHAS.	22
ANEXO II - REUNIÃO DE GRUPO	24
ANEXO III - FOTOS DE NOVA CALIFÓRNIA E DO RECA	25

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer à Fundação Getúlio Vargas pela oportunidade de realizar essa pesquisa, principalmente ao GVPesquisa pela viabilização desse programa que acrescenta tanto aos alunos que participam, tanto na formação acadêmica e profissional quanto em questão de amadurecimento pessoal. Consideramos que nos foi proporcionada uma experiência de vivência singular.

Também somos muito gratas ao esforço dispendido pelo nosso orientador, Thomas Anderson Barbosa. Cumpriu perfeitamente seu papel como orientador no programa, na medida em que organizou as questões da nossa experiência com afinco e precisão e mas também soube nos proporcionar um espaço de independência que nos fez crescer muito no período. Agradecemos também ao professor Marcus Vinícius Peinado, pela paciência e atenção durante todo o processo de estruturação do relatório.

A recepção e atenção que nos foi dada pela equipe do Reça foi fundamental para que conseguíssemos nos aprofundar na realidade que estávamos inseridas. Temos consciência de que tiveram que mobilizar esforços para nos auxiliar em nossa estadia, frente a isso somos extremamente gratas pela dedicação. Um agradecimento especial à Jersiane Berkembrock, que nos orientou durante todo o processo, aos técnicos agrícolas (Taysa Macedo, Alexandre Brito e Robson Costa) que nos acolheram e estiveram dispostos a esclarecer todas as nossas dúvidas durante as visitas de campo.

Agradecemos também ao Secretário de planejamento e gestão de Porto Velho, Jorge Alberto Elarrat Canto, por nos receber em uma conversa sobre o município. Também à equipe do Grupo Ocupacional Transitório da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Ambiental responsável pelo Programa de Desenvolvimento Socioeconômico e Ambiental Integrado por nos receber e apresentar o projeto desenvolvido.

Resumo

[INTRODUÇÃO] A Associação e Cooperativa Reca (Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado), localizada em Nova Califórnia, um distrito de Porto Velho localizado a 370 km do centro do município, foi fundada por uma união entre agricultores sulistas e seringueiros locais como meio de sobrevivência frente a um cenário de pobreza extrema devido ao abandono do olhar público para a população desta região. Eles produzem e beneficiam frutos nativos da Amazônia de um modo sustentável ao realizar reflorestamento por meio de sua atividade econômica. [METODOLOGIA] Conforme a proposta do Programa Conexão Local de imersão em uma realidade distinta, passamos 20 dias acompanhando o trabalho e o dia-a-dia da organização. Em um primeiro momento foram realizadas entrevistas com órgãos públicos no centro de Porto Velho; em seguida, o grupo se instalou em Nova Califórnia. Lá entrevistou habitantes do distrito, membros da associação, e representantes das organizações locais, acompanhou também visitas de campo aos produtores, reuniões de grupos de discussão referente ao funcionamento da cooperativa, além de conversas com outras organizações influentes no local. Também foi feita uma visita a uma cooperativa localizada em uma reserva extrativista chamada Lago Cuniã. [DESENVOLVIMENTO] Foi adotado como perspectiva de análise buscar responder a questão da importância de uma associação/cooperativa para uma comunidade, ou seja, como ela contribui para aumentar capacidades dos indivíduos. Para tal, buscamos nos aprofundar nos conceitos de associativismo e cooperativismo, partindo da teoria de Amartya Sen sobre desenvolvimento como expansão das capacidades dos indivíduos, sempre em paralelo com a experiência vivida. A realidade com que nos deparamos foi de uma associação que cresceu muito desde o seu surgimento. Hoje ele possui investimentos por meio do BNDES e apoio de grandes empresas, o que possibilita planos de expansão, como o de triplicação da produção, mas também vivencia desafios, como a dificuldade de encontrar pessoas capacitadas para realizar as atividades técnicas da cooperativa e a de conter o abandono da produção agrícola em detrimento de outras fontes de renda trazidas com a urbanização. [CONCLUSÃO] Pelo trabalho desenvolvido percebemos que os valores e princípios que regem associações e cooperativas, e que foram observadas também no Reca, condizem com a ideia de expansão de capacidades, isto é, de escolhas dos indivíduos, tanto pela possibilidade de aumento na renda quanto pelo acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento de diferentes habilidades entre outros.

1. Introdução

O Conexão Local é um programa oferecido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) para alunos de graduação. Ele tem o intuito de ensiná-los a trabalhar com pesquisa através de imersões em diferentes projetos espalhados pelo país, as quais tem duração de três semanas. Divididas em grupos de dois ou três alunos, no mês de julho de 2015 foram realizadas seis imersões em locais tão variados quanto o interior do Rio Grande do Sul até a capital do Acre.

Este relatório tem o intuito de apresentar uma destas experiências, a qual se deu em Rondônia. Como estudantes do curso de Administração Pública, fomos para esta região tendo como objeto de estudo um projeto comunitário, o Reca¹ (Reflorestamento Econômico Condensado e Adensado), uma associação e cooperativa de agricultores formada originalmente em 1989. Ele está localizado em Nova Califórnia, um dos doze distritos que fazem parte do município de Porto Velho, capital do estado, que possui 34 mil km² de extensão.

O processo de observação etnográfica realizado durante este período foi o que nos permitiu encontrar a questão para estudo neste trabalho: como a união de moradores locais em trabalhos conjuntos, principalmente em associações e cooperativas, pode influir no Desenvolvimento Humano (DH) de regiões historicamente negligenciadas. Nossa intenção é investigar de que modo estes tipos de organização permitem a expansão de capacidades dos indivíduos e de suas comunidades, a partir do aporte teórico de Amartya Sen.

1.1. Panorama Histórico

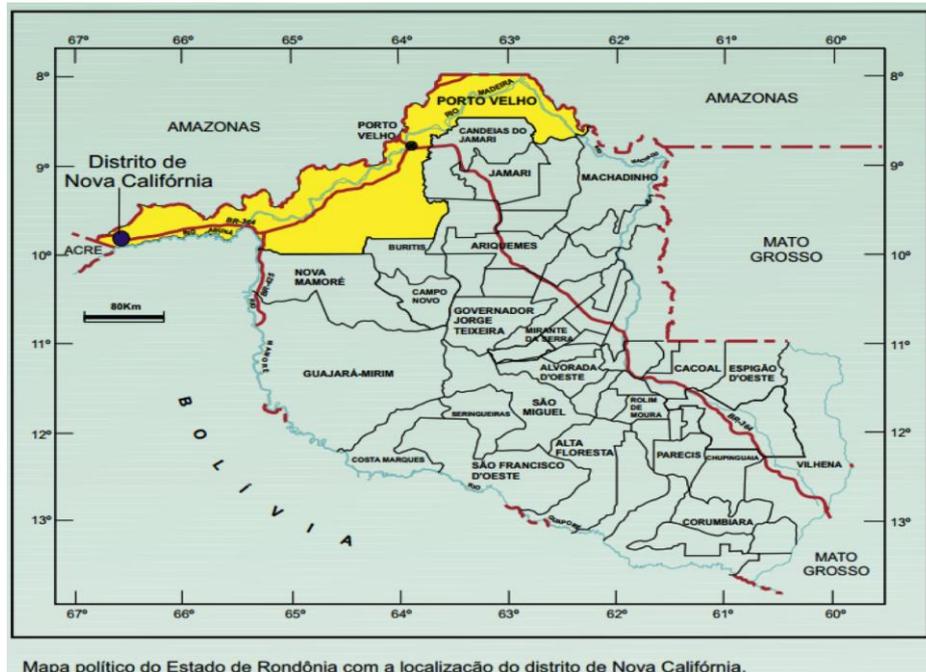
O estado de Rondônia é historicamente marcado tanto pela exploração pecuária quanto pelas idas e vindas de migrantes, os quais seguiram *booms* econômicos com ciclos relativamente curtos, como o da borracha. Como nos foi exposto por diversos moradores desde nossa chegada na região, talvez por causa deste processo adverso Rondônia ainda não conseguiu construir uma identidade cultural. Este cenário pôde ser percebido já em nossa chegada à Porto Velho, quando nos foram apresentadas duas formas possíveis de observar as características do município: a diferenciação geográfica, entre a região do alto madeira e do baixo madeira, e a diferenciação cultural, de influências sulista e amazônica.

¹ Apesar de se tratar de uma associação e de uma cooperativa, optamos por utilizar o artigo masculino para nos referirmos à Reca, pois é assim que a organização é comumente tratada pelos envolvidos.

A cidade de Porto Velho em si pode ser considerada como um longo quebra-cabeça. Trata-se da capital brasileira de maior área territorial, com uma população de 494 013 mil habitantes. Ela é dividida em 12 distritos (Porto Velho, Abunã, Calama, Demarcação, Extrema, Fortaleza do Abunã, Jaci-Paraná, Mutum Paraná, Nazaré, Nova Califórnia, São Carlos e Vista Alegre do Abunã). Cada um deles é oficialmente regido pela prefeitura - localizada no distrito sede - e tem um administrador oficial, indicado pelo prefeito, como o seu único correspondente do poder público.

O distrito Nova Califórnia (vide imagem 1.1), onde permanecemos por quase todo o período do Conexão Local, está localizado na Ponta do Abunã, uma região que abrange também os distritos de Extrema, Vista Alegre e Fortaleza do Abunã. Ele está na ponta do estado, dessa forma faz divisa com a Bolívia, com o Acre e com o Amazonas. Devido a proximidade geográfica, existe uma forte ligação entre os moradores dessa região com o estado acreano. Chamamos atenção para a questão territorial porque esta é historicamente um problema que assombra a região. Ele precisa ser contextualizado para se entender a importância da fundação de uma associação como o Reca.

Imagem 1.1



Fonte: CPRM- Serviço Geológico do Brasil Residência de Porto Velho ²

² Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/arquivos/pdf/dehid/relatorio_novacalifornia.pdf>. Acesso em: 17. set. 2015

A Ponta do Abunã permaneceu por mais de dez anos como área litigiosa, devido a uma disputa judicial entre os estados de Rondônia e Acre pela posse da região. Isso significa que não havia responsabilidade legal de nenhum dos estados para com a população que ali residia. Enquanto não ocorria um acerto junto ao Supremo Tribunal Federal (STF), a região permanecia esquecida e sua população, desamparada.

Houve, nesta mesma época, um plebiscito para saber a posição da população quanto ao assunto. Cerca de 90% optou por pertencer ao Acre. Este já era um resultado esperado pois a capital deste estado, Rio Branco, fica a 180km do local enquanto que a capital rondoniense, Porto Velho, está a 370 km de distância. No entanto, mesmo após a divulgação do plebiscito o STF decretou, em dezembro de 1996, que a população da Ponta do Abunã seria anexada ao estado de Rondônia. Tal decisão é polêmica até hoje, pois não levou em consideração os aspectos econômicos, culturais e geográficos da região; o juiz responsável pelo caso utilizou-se de um jogo político, baseando-se em um Tratado de 1903 para definir o destino da população.

Apesar da região ter sido definida como território rondoniense, a situação de esquecimento e negligência por parte do poder público continua a mesma, fato que nos foi mencionado em diversas conversas. Segundo Eder, o administrador oficial do distrito, Nova Califórnia enfrenta ainda hoje muita dificuldade, principalmente de infraestrutura, como a falta de sinal de celular, nenhuma agência bancária, asfalto deficitário e água contaminada de poço. Ele também explicou que é possível notar que Porto Velho está com problemas com a estrutura administrativa e de gestão governamental e que isso prejudica os distritos mais afastados, pois os recursos necessários se perdem no caminho. Além disso, o prefeito chega a ficar mais de ano sem nem passar pelo distrito e, quando vai, permanece apenas dois dias no local, outro fator que dificulta o alcance das demandas regionais.

Eder apontou inúmeras vezes durante nossa conversa que Nova Califórnia é um local esquecido pelo Estado, à margem. Um dos principais problemas, segundo ele, vem de estarem em uma região fronteira, entre Acre, Amazônia e Bolívia, sem nenhuma relação oficial estabelecida entre os estados nem parcerias que ajudem no comércio entre eles. Ele acredita que uma maior articulação entre Porto Velho e Rio Branco, as duas maiores cidades da região, seria muito importante para a população de Nova Califórnia.

1.2. Formação Demográfica

Nova Califórnia é uma região marcada por diversos conflitos, os quais até hoje geram tensão entre os moradores do local. Um dos fundadores do Reça, Sérgio Roberto Lopes, atualmente secretário especial do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), descreveu para nós a história do distrito sob o ponto de vista dos moradores. Ele contou que lá ocorreu o encontro de dois mundos: o dos seringueiros, que habitavam a região desde a Segunda Guerra, e o dos agricultores, que migraram para lá principalmente durante a década de 1980. A história dos primeiros é marcada por luta e injustiça. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil convocou homens para atuarem em duas frentes. Uns atuaram diretamente no conflito armado, os “pracinhas”, e outros foram recrutados para cortar seringueiras na região amazônica a fim de multiplicar a produção de borracha para os aliados nos Estados Unidos. Os seringueiros ficaram também conhecidos como os “soldados da borracha”.

Na época, foi divulgado que ambos os grupos teriam os mesmos direitos no final do conflito. Um acordo entre o governo estadunidense e o governo brasileiro previa o pagamento de uma indenização ao exército caso os aliados vencessem a guerra; eles saíram vitoriosos, mas a indenização nunca chegou aos seringueiros, somente aos pracinhas. Assim, enquanto os pracinhas voltaram ao país como heróis de guerra, remunerados pelo serviço prestado, os seringueiros ficaram esquecidos e desamparados, submetidos a um regime semi-escravista e suscetíveis a malária, que se alastrava pela região.

Após este episódio, os “soldados da borracha” continuaram explorando diversas regiões amazônicas, uma das quais hoje corresponde a Nova Califórnia. Em um dado momento eles receberam terras, oficialmente, através de lotes oferecidos pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). No entanto, a delimitação feita por este órgão previa uma área de apenas 100 hectares por produtor, inviável para o seringueiro conseguir se manter em sua profissão, pois ele precisava percorrer trajetos em uma área de aproximadamente 400 hectares para coletar uma quantia suficiente de látex para a produção da borracha. Além disso, os lotes não respeitavam os limites de espaço de terra já existentes para de cada seringueiro, fato este que poderia ocasionar em conflitos internos. Na época Nova Califórnia ainda era conhecido como Seringal Santa Clara, por causa dos numerosos seringueiros presentes na região.

Como a ideia de progresso na época era diferente da de hoje, havia um forte incentivo para o desmatamento da propriedade adquirida para a criação de gado. Nos foi relatado que o desmatamento era inclusive um requerimento do Incra para que o proprietário mantivesse

posse da terra. Um dos principais resultados dessa prática foi o aumento da devastação na região amazônica, o que propiciou a proliferação da malária. Esta doença ocasionou muitas mortes, as quais poderiam ter sido evitadas caso houvessem políticas públicas e um olhar mais atencioso do estado para com a população habitante da região. Outro grande resquício deste tempo é o fato de que hoje o estado de Rondônia é o mais desmatado da região amazônica.

Os lotes do INCRA também atraíram migrantes para trabalhar com plantação, principalmente do sul do país. Sérgio Lopes foi um destes. Ele conta que de chegada os sulistas tentaram plantar produtos impróprios para o solo amazônico, mas com os quais estavam habituados a trabalhar em sua região de origem, como milho, arroz e feijão, porém não obtiveram sucesso. Os seringueiros, por sua vez, tinham conhecimento sobre os frutos da Amazônia, como o açaí, a pupunha, o cupuaçu e muitos outros.

A união de diferentes conhecimentos – a tradição associativista do Sul, assim como sua vontade de continuar trabalhando com a agricultura, junto ao conhecimento das plantas da região do seringueiro – foi a solução para melhorar as condições de vida do distrito. Um dos motivos que impediu um possível conflito e fomentou esta troca foi a ligação de ambos com instituições como a igreja e o sindicato, que se tornaram espaços de conexão. Esta mediação contribuiu para que houvesse uma convivência benéfica entre os grupos, permitindo que um aprendesse com o outro. Dessa articulação foi formado o Reca, em 1989.

Nas páginas seguintes, procuraremos entender de que modo a expansão de capacidades e o aumento de bem-estar puderam ser percebidos a partir do trabalho do Reca no local, tendo como base o período de nossa vivência no local. Para isso, estruturamos quatro seções: reflexão teórica para a contextualização do tema; apresentação da pesquisa de campo realizada durante a imersão; análise do que foi aprendido, a qual engloba a teoria com a prática, e conclusão.

2. Reflexão Teórica

Optamos por retratar nossa experiência na cooperativa Reca a partir de uma perspectiva humanista. A intenção é focar em como associações e cooperativas podem agregar melhorias à vida em comunidade a como resultado de sua atuação, ou seja, se houve um aumento de bem-estar geral por causa do trabalho de associativismo/cooperativo. Analisaremos então o ganho de bem-estar sob as seguintes perspectivas, baseadas na teoria

do economista Amartya Sen: vida longa e saudável, ganho de conhecimento e acesso à recursos.

Tomamos como base a teoria de Sen de que desenvolvimento ocorre pela expansão de capacidades, ou seja, pela liberdade que cada indivíduo tem em escolher seu modo de vida. Buscamos também entender o quanto associações e cooperativas podem influir na relação da comunidade com o todo (o município, o estado, o país) em que habitam e resultar em maior bem-estar.

Sen, em seu livro *Reexaminando a Desigualdade*, procura construir uma tese partindo da pergunta: “igualdade do que?”. Para ele, a diversidade humana é um fator omnisciente e as organizações sociais que conseguem prevalecer com o passar do tempo são as que conseguem definir uma igualdade dentro desta grande heterogeneidade para reger seus princípios. Esta concepção nos ajuda a procurar entender qual variável de igualdade prevalece como proeminente em associações e cooperativas, através do estudo de suas atribuições e regras, tendo como base avaliativa a teoria de Desenvolvimento Humano.

De acordo com a professora e economista Jaya Krishnakumar, para se mensurar o DH deve-se ir além das medidas de crescimento econômico tradicionalmente feitas por índices como o Produto Interno Bruto (PIB). Assim, a mensuração do DH também procura incluir avaliações de qualidade de vida, distribuição de renda, emprego, pobreza/desigualdade, disparidades entre regiões e de acesso a crédito bancário e comércio, assim como diversos aspectos da vida, como o acesso a oportunidades econômicas (mercado, crédito, empregos), saúde, conhecimento (educação), liberdade (política e civil, direitos humanos), segurança, participação em assuntos da comunidade e qualidade do ambiente.

O primeiro Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH), feito pelo Programa das Nações Unidas pelo Desenvolvimento (PNUD) em 1990, foi liderado pelos economistas Amartya Sen e Mahbub ul Haq. Nele, foram definidas três escolhas como essenciais para uma vida digna para o ser humano: a possibilidade de, (i) ter uma vida longa e saudável, (ii) ganhar conhecimento e (iii) ter acesso aos recursos necessários para um padrão de vida decente. Segundo estes autores, se por qualquer motivo uma destas opções não estiver disponível, muitas outras conseqüentemente se tornam inacessíveis.

Eles também dividiram o DH em dois pontos: a formação de capacidades (saúde, educação, talentos, etc.) e o uso que as pessoas podem fazer destas capacidades (lazer, propósitos produtivos, envolvimento em assuntos culturais, públicos e sociais, entre outros). Se a escala não estiver balanceada entre estes dois pontos, frustrações consideráveis podem acontecer no âmbito individual. Percebe-se então que Sen, ganhador do prêmio Nobel de

economia em 1998, entende desenvolvimento como a expansão da liberdade tanto para formação de capacidades quanto para a possibilidade de utilizá-las.

2.1. Associações e Cooperativas

Para aproximar nossa reflexão teórica da questão de análise estabelecida, será exposto a seguir alguns elementos conceituais sobre associações e cooperativas. O objetivo é relacionar estes conceitos com o desenvolvimento das capacidades dos indivíduos e bem-estar de uma população.

Uma associação é criada com o intuito de fortalecer uma comunidade, de modo a lhe garantir autonomia para alcançar os objetivos propostos por um grupo. A “Cartilha do Agricultor Familiar” sobre associativismo e cooperativismo, produzida pela Fundação Banco do Brasil,³ descreve o associativismo como fruto da luta pela sobrevivência e pela melhoria das condições de vida de comunidades. Ele se torna um instrumento vital para que estes grupos saiam da condição de anonimato e passem a ter maior expressão e representatividade social, política, ambiental e econômica. De modo similar, ainda segundo a cartilha, uma cooperativa é uma associação voluntária de pessoas para realizar um objetivo comum, por meio da formação de uma organização administrada democraticamente para a comercialização de um produto ou serviço. Os valores de uma associação e de uma cooperativa são, portanto, interligados.

Todos estes aspectos característicos de associações e cooperativas tangem com a teoria de Amartya Sen, para quem bem-estar social resulta de um processo de expansão das liberdades individuais. Para Sen, as influências sociais são imprescindíveis para o atingimento dessas liberdades e estão atreladas às oportunidades no âmbito político, econômico, cultural e social. Nesse sentido, para alcançar uma liberdade plena, o indivíduo precisa ter acesso a serviços de saúde, educação, assistência social, entre outros. Viver em comunidades com precariedade econômica e/ou em locais com carência de serviços públicos e de assistência social, por exemplo, restringe a capacidade de indivíduos satisfazerem suas necessidades básicas. Assim, as pessoas, por falta de oportunidades, têm suas escolhas limitadas por circunstâncias fora de seu controle.

Observamos, logo, que oportunidades são instrumentos catalizadores para o alcance das liberdades e que elas podem ser construídas por iniciativas locais, permitindo que

³ Cartilha disponível em: <<http://www.fbb.org.br/portal/pages/publico/pais/cartilha1.pdf>> Acesso em: 10. set. 2015

indivíduos possam optar pelo caminho que desejam trilhar e ajudar uns aos outros. Associações e cooperativas se encaixam neste contexto, pois são mecanismos de melhoria de vida de pessoas e de regiões. Percebemos, então, que a expansão das liberdades individuais propicia, ao mesmo tempo, a expansão das liberdades coletivas, gerando desenvolvimento na comunidade em questão.

3. Metodologia

Este trabalho é baseado fundamentalmente nas experiências vividas em campo durante as três semanas do Conexão Local. Incluímos a seguir, na subseção Mergulhando no Campo, um resumo de nosso diário de bordo, para apresentar como ocorreu o nosso processo de etnografia. As pesquisas teóricas, por sua vez, foram desenvolvidas posteriormente, após o recorte de análise ter sido estabelecido, e foram abordadas na parte da reflexão teórica.

É importante apontar que optamos por não realizar pesquisas prévias sobre o lugar que iríamos visitar e também por não estabelecer uma pergunta de análise específica antes da viagem. A decisão foi feita por acreditarmos que dessa forma conseguiríamos observar o local de uma forma mais abrangente, atentando para suas mais diversas articulações, problemáticas e soluções.

3.1. Mergulhando no Campo

A pesquisa teve início em Porto Velho, onde chegamos dia 05/07. Nos dois primeiros dias da viagem permanecemos no centro para entrar em contato com representantes do governo que pudessem dar um panorama do contexto setorial do Reca, que delimitamos como desenvolvimento local e meio ambiente. Conseguimos nos reunir com o Secretário de Planejamento do município e com o Grupo Ocupacional Transitório (GOT) da Secretaria do Desenvolvimento Ambiental, que atualmente desenvolvem o Programa de Desenvolvimento Socioeconômico e Ambiental Integrado (PDSEAI). Também aproveitamos para conhecer um pouco mais da cidade e conversar com moradores locais, que nos apresentaram sua visão sobre a situação dos serviços públicos e da governança do município.

No segundo dia, 07/07, conhecemos a Usina de Santo Antônio, por indicação do Secretário de Planejamento. Essa visita se mostrou muito útil para entender o local, pois sua construção, assim como a da Usina de Jirau, teve impactos relevantes em todo o território que

conhecemos. No período vespertino, deste mesmo dia, iniciamos nosso deslocamento para o distrito de Nova Califórnia. Pelo percurso passamos pela vila habitacional Nova Mutum e pelo distrito de Jaci-Paraná. Por conhecimento prévio do grupo sobre esses dois locais, escolhemos parar em ambos para observar a realidade local.

Chegamos ao Reca dia 08/07. Fábio, um dos funcionários da associação, nos deu um panorama inicial sobre a organização e sobre as suas instalações. Jersiane, técnica do Reca, ficou responsável por nossa estadia e nossa agenda de visitas. Ela passou a nos indicar os eventos e pessoas importantes para conhecermos a organização mais profundamente, sendo nosso principal contato com a associação.

No dia 09/07, Jersiane nos levou para a reunião de grupo da linha 05⁴. A noite fomos visitar a Expo-Califórnia, um evento de rodeio e exposição que é realizado anualmente no distrito, no qual o Reca tinha um stand exclusivo. Tivemos a sorte de o evento coincidir com a nossa estadia, visto que é a principal movimentação de lazer do ano no local. Ele também é responsável por uma grande movimentação de recursos, embora tenhamos percebido que a maior parte deste giro de capital acabe sendo difuso, não ficando muito em Nova Califórnia em si.

No dia 10/07 procuramos conhecer outras organizações presentes no distrito, como o Idaron (Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia), a Emater (A Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia) e a Administração Local (representante do poder público executivo do distrito). Estas conversas contribuíram para a asserção de que o Reca ajuda a comunidade como um todo, ainda que foque mais em seus associados.

No sábado, 11/07, presenciamos outra reunião de grupo, do Pioneiros 1. Já na segunda feira, 13/07, acompanhamos os técnicos no Reca em seus trabalhos de ida à campo. Cada pesquisadora acompanhou um técnico, o que proporcionou que conhecêssemos diferentes produtores e localidades da região, que possuem características bastante diversas. No dia seguinte conversamos mais uma vez com o Fábio, que aprofundou seu relato sobre sua atuação no Reca. Após esta conversa, passamos o dia na fábrica de beneficiamento do palmito, momento em que funcionários nos apresentaram um outro setor da cooperativa, o de beneficiamento do produto.

Dia 15/07 visitamos Dona Aldênia, uma senhora presente no Reca desde sua criação. Ela teve papel importante na formação da Escola Familiar Agrícola (EFA) e no

⁴ Informações mais detalhadas sobre as visitas de campo, bem como a explicação sobre a delimitação do território em linhas, estão especificadas na sessão: Anexo I.

fortalecimento do grupo de representação das mulheres dentro da associação. No dia seguinte, 16/07, conseguimos conversar com Hamilton Condak, atual presidente da associação.

Por indicação do Secretário de Planejamento organizamos uma visita à outra cooperativa em Porto Velho, localizada na Reserva Ambiental Extrativista Lago Cuniã. No final de semana do dia 17/07 ao dia 19/07 fomos ao Lago e conhecemos um pouco a comunidade. A visita se mostrou importante para termos um repertório de comparação com o Reca, além de ter contato com desafios de uma comunidade ribeirinha, que se diferem em alguns pontos dos presentes em uma população de organização agrícola como a de Nova Califórnia.

Na segunda-feira após o nosso retorno ao Reca, 20/07, conhecemos Sérgio Lopes, um dos fundadores do Reca e atual secretário da Secretaria Extraordinária de Regularização Fundiária na Amazônia Legal. Conseguimos realizar também uma entrevista com Semildo, atual vice-presidente da associação, e com o diretor do Clube dos Pioneiros, uma outra organização da sociedade civil presente no distrito.

No dia 22/07, nosso último dia, acompanhamos a visita de alunos de engenharia florestal ao Reca. Esta foi uma experiência útil na medida que tivemos contato com outra visão acadêmica sobre o contexto da organização, a da engenharia florestal. Também foi interessante observar como o Reca se apresenta para visitantes. Nesse mesmo dia também presenciamos um treinamento sobre georeferencialização para os técnicos.

Deixamos o Reca no dia 23/07 em direção a Rio Branco, pois esta é a cidade com o aeroporto mais próximo de Nova Califórnia. De lá embarcamos de volta para São Paulo na madrugada do dia 25/07.

4. Desenvolvimento

De acordo com o recorte escolhido para este relatório, descrito na seção de reflexão teórica, será exposto a seguir as formas de atuação do Reca que nos ajudam a compreender um pouco como ele consegue impactar a vida de seus associados e da população da região sob as seguintes perspectivas: (i) vida longa e saudável, (ii) ganhar conhecimento e (iii) acesso aos recursos necessários para ter um padrão de vida decente. As três liberdades essenciais do desenvolvimento humano.

4.1. Vida Longa e Saudável

Pelo histórico da fundação do Reça, é possível observar que a organização e a cooperação entre produtores, fatores decisivos para a formação da associação e cooperativa, podem ser considerados, pelo menos inicialmente, como mecanismos de sobrevivência em uma região com as características que se encontravam. As famílias que migraram para a região eram em grande parte acometidas pela malária, o que as colocava em um ciclo maior de pobreza, pois a doença diminuía sua capacidade de produção. A baixa renda, aliada a dificuldade de produzir os gêneros agrícolas que estavam habituados, como arroz, feijão etc, também afetava a saúde dos indivíduos, pois estes tinham acesso reduzido a alimentos.

O trabalho desencadeado pela associação pode ser reconhecido como uma forma de combater a malária na região pois, como Dona Aldênia nos relatou, o projeto Reça inicialmente surgiu com o objetivo de desenvolver um trabalho em harmonia com a natureza, amenizando o desmatamento e proporcionando aos moradores áreas arborizadas e sombreadas. Uma das intenções disso era reduzir o efeito do sol muito forte do local e desse modo evitar a proliferação do mosquito da malária.⁵ A decisão de produzir gêneros amazônicos, por sua vez, não apenas proporcionou um relativo aumento da renda – ao trabalhar com produtos locais, eles conseguiam produzir mais – como também gerou melhores condições de trabalho aos agricultores, pois no momento em que as árvores plantadas se tornavam produtivas elas também sombreavam o local de recolhimento dos frutos.

Atualmente, o Reça continua uma fonte de renda constante para uma população que estaria abandonada na incerteza, permitindo uma alimentação saudável e um acesso facilitado a serviços de saúde. A malária, por sua vez, praticamente desapareceu, em parte por causa de esforços contínuos do governo no estado inteiro, em parte por causa da contínua preocupação do Reça em reflorestar.

⁵ Essa constatação pode ser reforçada pela seguinte passagem: “associações ecológicas entre os altos índices de malária e de desmatamento: a paisagem desmatada apresenta clareiras e reservatórios de água expostos à luz, que constituem ambiente perfeito para reprodução do vetor transmissor da doença, o mosquito *Anopheles Darlingi*, também conhecido por deslocar outras espécies de mosquitos que preferem o ambiente florestal e não são propensos a transmitirem a doença.” Fonte: “Associação O Eco”. Disponível em: <<http://www.oeco.org.br/colunas/a-trajetoria-da-fumaca/24081-pesquisa-relaciona-altos-indices-de-malaria-com-o-desmatamento-na-amazonia/>>. Acesso em 30. set. 2015.

4.2. Ganhar Conhecimento

Durante nossa estadia, percebemos que o Reca consegue oferecer meios de ampliar os ganhos de conhecimento na região de diversos modos. Os dois exemplos que nos foram apontados e que percebemos como os mais importantes neste sentido foram, a Escola Familiar Agrícola (EFA) e as reuniões de grupo, os quais detalharemos a seguir.

A EFA foi fundada em 2002 por iniciativa do Reca e com apoio de Rio Branco, Estado do Acre, pois Rondônia não teve interesse no projeto na época. Entretanto, devido a entraves políticos e financeiros, seu funcionamento teve início apenas em 2009. Sua proposta de ensino era diferenciada; nela, os alunos passavam 15 dias na escola em regime integral e outros 15 dias em sua própria comunidade, aplicando o que haviam aprendido.

Além do conteúdo regular de ensino fundamental e médio, a EFA também possuía disciplinas relacionadas à agricultura, pecuária e gestão em comunidades. Com isso, a escola se caracterizava também como um ensino técnico. O principal objetivo era que o investimento na educação não afastasse os jovens de sua comunidade e, principalmente, da prática agrícola, com o intuito de reduzir o êxodo rural. Deste modo, segundo Fábio, que ministrava aulas na escola, os professores buscavam passar conhecimentos práticos, que pudessem ser aplicados nas comunidades dos alunos, capacitando-os como possíveis agentes de desenvolvimento local.

A manutenção das atividades da escola teve diversas dificuldades. A sua localização gerou entraves, pois ela era uma instituição pública acreana e a maior parte dos alunos eram rondonienses, sendo difícil justificar os gastos do Governo. Outro problema era a questão de alimentos; a EFA precisava de cinco refeições por dia por ser um internato - os alunos tinham que receber café da manhã, almoço, lanches e jantar nas duas semanas em que estudavam em regime integral - mas era classificada como escola normal, recebendo apenas um lanche por dia. Para suprir esses gargalos, eles começaram a cobrar mensalidade para os gastos com alimentação dos alunos e manutenção da escola, um problema, pois, como era escola pública, alguns pais se recusavam a pagar. A associação começou a arcar com estes custos, de tal modo que a situação logo se mostrou insustentável, pois os recursos não eram suficientes.

Assim, a escola acabou fechando; deve reabrir em 2016, porém sem o envolvimento direto do Reca. Todos estes problemas deixaram a associação desmotivada e, por esse motivo, eles não possuem planos de se envolver com algum projeto parecido no futuro próximo, embora a ideia de fundar uma escola na própria sede, administrada pelo Reca, exista.

O impacto da EFA, apesar da sua descontinuidade, foi importante e pode ser observado nos alunos que conseguiram se formar. Conversamos com alguns deles em nossa estadia, como Jersiane. Como já mencionado, ela trabalha atualmente no Reca. Além disso, é filha de um dos fundadores, que também é ex-presidente da associação. Ela nos contou que em sua infância nunca havia se aproximado do Reca; seu interesse começou quando um professor da EFA pediu um trabalho de observação de alguma organização social de sua comunidade. Ela diz que, ao escolher o Reca para fazer esse trabalho, começou a se interessar pela cooperativa. Hoje, além de ser funcionária também está no período de caminhada para a sua entrada como associada.⁶

Percebemos que o saber técnico adquirido por esses jovens também é muito demandado na região. Além dos que trabalham no Reca, alguns trabalham em órgãos da cidade, como a Emater ou o Idaron, e outros em suas próprias propriedades.

Outra situação gerada pelo Reca em que identificamos oportunidade de ganhar conhecimento são as reuniões de grupo⁷, nela também pudemos sentir a importância da estrutura de gestão da organização, horizontal e aberta. Estas reuniões têm como objetivo principal repassar informações do que está sendo feito no Reca para os associados. No entanto, ao acompanharmos duas dessas reuniões percebemos que nesses momentos também surgem conversas sobre a produção de cada um, problemas que têm enfrentado, dicas sobre práticas de cultivo e demandas da região frente ao governo e seus governantes. As reuniões permitem, então, um diálogo maior entre os produtores, uma troca de conhecimentos importante para a manutenção de seu trabalho, assim como a oportunidade de estarem com amigos e pessoas passando por situações similares que podem ajudar.

Além dos pontos já citados, O Reca possui uma gestão participativa e inclusiva, configurando-se como uma família para alguns associados. Segundo Semildo, vice-presidente da associação, o Reca é como uma segunda casa, que ajuda e fortalece os seus membros. Se não fosse pela sua existência, talvez muitos agricultores já teriam abandonado a atividade por não conseguirem enxergar perspectiva no ramo. Foi graças a cooperativa que muitos permaneceram e prosperaram com o trabalho agrícola em pequenas propriedades.

⁶ Para tornar-se associado e/ou cooperado ao Reca, é preciso antes passar por um período de “caminhada”. Este período consiste em um ano de probação, no qual o interessado precisa demonstrar para os membros sua vontade e interesse em entrar para o grupo. Esse ritual funciona como uma forma de proteção; é um modo de garantir o comprometimento e o engajamento dos entrantes em relação ao trabalho realizado, um resguardo para evitar abandono ou eventual desinteresse.

⁷ Na sessão Anexo (Anexo II), segue uma explicação mais detalhada sobre as reuniões de grupo, bem como nossas percepções sobre as duas reuniões que tivemos a oportunidade de participar.

Ainda de acordo com Semildo, o diferencial do Reca é a valorização do agricultor. Um exemplo disso é o fato de que colocar um técnico de governo ou uma pessoa externa para dirigir o projeto nunca foi uma possibilidade. Eles acreditam que os verdadeiros agentes transformadores são os que trabalham diretamente com a terra - eles são os mais envolvidos na organização -, portanto a sabedoria deve partir deles e ser construído de forma conjunta. No Reca, buscase a todo momento que não haja monopólio de conhecimento; segundo diversas fala na organização não existe espaço para um pensamento egoísta e competitivo, pois a coletividade é um dos pilares da organização. Uma frase dita por Semildo marcou bastante essa questão da coletividade no Reca: “O que adianta ter dinheiro e conhecimento se o seu vizinho não tem comida?”.

4.3. Acesso a recursos necessários para ter um padrão de vida decente

Desde sua criação, a cooperativa do Reca tem alcançado cada vez mais mercados ao trabalhar com venda produtos em grande escala o que atrai mais compradores e também viabiliza a sua distribuição para mais lugares. Com isto, ao reunir a produção de diversos pequenos produtores para comercializar em uma maior escala ela consegue proporcionar mais estabilidade na comercialização e na renda de seus cooperados.

Outro fator que contribui para incremento na renda dos produtores associados é o beneficiamento de seus produtos. Esse processo faz com que o valor agregado seja maior do que a venda “in natura”, pois inclui novas fases de trabalho. Em uma lógica comum, sem a cooperativa, uma indústria de beneficiamento compraria a matéria prima a um preço baixo e a revenderia por um preço mais alto; ao ter controle dessa fase, o Reca consegue reverter para o produtor o lucro que iria para um terceiro.

O Reca trás para a região outros recursos por meio dos projetos de financiamento para a própria cooperativa e para incentivo à produção de seus associados. Um exemplo é o Concretizar, por meio do Fundo Amazônia, do BNDES. De acordo com o Fundo Amazônia, este Projeto tem a intenção de apoiar a implantação de sistemas agroflorestais (SAFs) em pequenas propriedades, sendo no total 300 hectares para 135 unidades familiares.

O projeto conta com quatro ações transversais: (i) ampliação e modernização da capacidade produtiva das unidades de beneficiamento de frutas (recebe mais de 50% do total investido por reunir as atividades necessárias para a produção e promoção dos frutos locais); (ii) fortalecimento institucional; (iii) assistência técnica e extensão rural (Ater); e (iv) gestão do projeto. Segundo Fábio, o Concretizar apareceu como a oportunidade que eles precisavam

para atualizar as estruturas da organização, que, segundo ele, já estavam defasadas. Assim, a cooperativa consegue recursos em proporções que os produtores não conseguiriam atingir individualmente.

Uma terceira forma pela qual o Reca contribui para melhorar a quantidade de recursos disponível para os seus associados e para a região está em seus esforços para a implementação de programas do governo na área. Um exemplo de atuação nesse sentido foi a regularização legal e de qualidade de moradias em assentamentos gerenciada por Fábio na região amazônica de produtores da cooperativa.

O trabalho de Fábio, por meio do Reca, era realizar articulação entre estados - Acre, Rondônia e Amazônia - para resolver a questão de terra de uma comunidade muito isolada, sem serviços básicos como energia elétrica, estrada, saneamento e escola. Contudo, apesar da chegada da titulação de terras e de programas de construção popular por meio deste projeto, a falta de estrutura faz com que a rotatividade de pessoas na região continue alta. Antes dos esforços do Reca, entretanto, a situação era ainda mais complicada devido a falta de documentação, a qual gerava disputa de terra, ocasionado inclusive assassinatos. Pudemos inferir que o Reca atuou nessa área por ser dependente do extrativismo da região (açai, castanha) e por entender que o desenvolvimento desta comunidade contribui para o desenvolvimento da própria organização.

5. Conclusão

Entendemos que desenvolvimento é um termo plural, que pode receber diversas atribuições. Escolhemos para este relatório um paradigma que atenuasse a importância dada a tradicionais demandas tidas como sinal de desenvolvimento, como a industrialização, o crescimento do PIB e o avanço tecnológico, para lhe dar uma outra característica, mais humana.

Amartya Sen e um grupo de estudiosos envolvidos no mesmo projeto teórico, foram responsáveis por esta nova visão, a qual se deu o nome de Desenvolvimento Humano. De acordo com esta ótica, o desenvolvimento poderia ser mensurado a partir de “liberdades individuais”. Restrições como fome, analfabetismo e pouco acesso a serviços de saúde, por exemplo, representam restrições para a vida do indivíduo, o que limita sua liberdade e impede o pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Após três semanas de imersão e subsequentes leituras sobre o tema, percebemos que iniciativas de associativismo e

cooperativismo, feitas por esforços da própria população para sua melhoria de vida, podem ajudar a expandir as capacidades de uma comunidade, no sentido dado por Sen de aumento de possibilidades de escolha para os indivíduos.

O Reca está inserido neste contexto na medida em que permite a seus membros maior acesso ao conhecimento, incremento e maior distribuição de renda no local e aumento do número de oportunidades de melhoria de vida aos envolvidos e à população da região. Percebemos como o Reca pode ser significativo no desenvolvimento individual, pela fala de Hamilton Condack, atual presidente tanto da associação como da cooperativa. Em conversas ele nos contou não apenas sobre seu trabalho, mas também sobre sua trajetória pessoal e como ela está ligada à associação. Seu envolvimento com a cooperativa começou cedo e afirmou dever muito ao Reca, pois toda a sua formação está ligada a associação, a qual lhe ofereceu muitas oportunidades. Ele é um dos muitos exemplos de como a atuação do Reca contribui para a população do distrito.

Podemos, então, dizer, após três semanas de imersão, que a organização consegue se manter desde 1989 devido a um trabalho conjunto, o qual procura dar voz a seus membros a partir de uma estrutura multilateral, pouco vista em outras associações, a que visitamos em Lago Cuniã, por exemplo, ainda não conseguiu alcançar o mesmo nível de horizontalidade e sentimento de pertencimento. A sua história e sua estrutura são, portanto, forças que trabalham a seu favor, expandindo as capacidades de quem participa de seu processo.

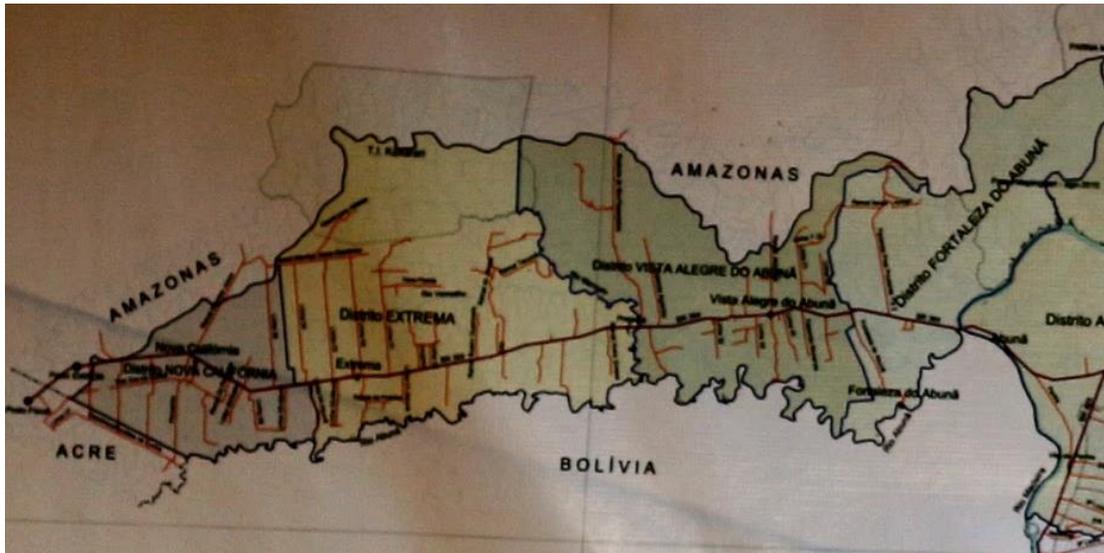
Anexos

Anexo I - Explicação sobre o trabalho desenvolvido pelos técnicos agrícolas e sobre as linhas.

Como já citado, no Reca acompanhamos os técnicos da cooperativa em seus trabalhos cotidianos de ida à campo. Os técnicos do Reca, em geral jovens que passaram pela formação da Escola Familiar Agrícola, têm papel fundamental no funcionamento atual da cooperativa. Eles desempenham as funções de ir à campo para diálogo com o produtor, tanto para ajuda em melhorias técnicas para sua produção, quanto para coleta de documentos. Também fazem verificações de requisitos para projetos, como número de espécies plantadas, área trabalhada etc., além de exercerem função administrativa na sede. No período em que estivemos lá a principal atividade em campo era a coleta de documentos e mapeamento das propriedades, requisitos necessários para entrada nos agricultores no projeto Concretizar.

Em relação às linhas e grupos decorrentes dessa divisão, ressaltaremos a seguir alguns pontos que nos chamaram atenção e se mostram úteis para a análise do trabalho:

- As linhas (representadas na imagem 1.2 pelas linhas em vermelho) são os nomes dados as divisões das propriedades na região e têm características diversas entre si. Algumas aparentaram forte caráter associativo, com maior desenvolvimento da plantação e maior produtividade. Nessas, como a Baixa Verde, por exemplo, observamos uma grande valorização da atividade agrícola, inclusive com demonstração de afeição emocional à plantação. Já em outras percebemos que a atividade agrícola perde espaço paulatinamente para a produção de gado e que os proprietários de terra não se mostram muito envolvidos com a plantação. Nessas também foi possível perceber maior distanciamento entre o técnico do Reca e o proprietário, provavelmente por este não ter grande interesse nas atividades desenvolvidas pela cooperativa.



Fonte: Foto de um *banner*, exposto no *stand* da EMATER no evento ExpoCalifórnia

- Uma singularidade da região que se fez presente nas visitas de campo é a proximidade do distrito de diversas fronteiras estaduais. Em duas de nossas experiências em campo cruzamos a fronteira de Rondônia com o Acre, sendo que em um dos casos nem fomos avisadas - a mudança de estado só foi percebida devido a conversa entre o proprietário e o técnico, pela diferença dos documentos de propriedade. Para esses proprietários que moram na fronteira existem questões não bem resolvidas sobre jurisdição estatal. Houve um caso em que um produtor contou que a sua energia elétrica era de cobrada em Rondônia enquanto ele estava legalmente situado no estado do Acre.
- Percebemos também dificuldades operacionais existentes nas visitas a campo, pois os técnicos frequentemente têm dificuldade de acessar os proprietários - muitas vezes encontram a propriedade vazia ou sem o responsável pelo documento, pois como a maior parte da região não tem sinal nem linha telefônica é difícil conseguir agendar a visita, o que faz com que cheguem a voltar mais de 4 vezes à mesma propriedade para resolver algo tão pontual quanto a assinatura de um documento. Em uma das reuniões de grupo que acompanhamos os produtores reclamaram sobre a falta de apoio dos técnicos em suas plantações, porém os técnicos dizem que não sobra tempo para isso por terem que ir atrás dos documentos das pessoas, uma situação problemática porque muitas vezes os próprios produtores poderiam levá-los a sede do Reça.
- Foi observado também que o Reça realiza atividades que não são necessariamente de sua responsabilidade e sim do governo, como a coleta de documentos e engajamento dos produtores para o Cadastro Ambiental Rural (CAR) e georreferenciamento

da propriedade. Embora tais atividades não sejam de sua atribuição específica, a cooperativa precisa fazê-las para viabilizar os contratos de financiamento que vem estabelecendo, como o projeto Concretizar advindo do Fundo Amazônia.

Anexo II - Reunião de Grupo

A participação nessas reuniões foi fundamental para entendermos melhor o funcionamento da estrutura do Reça, bem como vivenciar o engajamento e participação direta dos associados nas questões de natureza política. Tais reuniões ocorrem todos em todos os grupos nos segundos sábados do mês. Os grupos são divididos conforme o local de moradia dos associados/ cooperados, normalmente por ramais e linhas, que é a forma como as pessoas locais denominam as estradas internas do distrito. Atualmente o Reça conta com dez grupos que se reúnem semanalmente.

Cada grupo recebe acompanhamento mensal de um supervisor do RECA. Além disso, as reuniões possuem uma estrutura padrão: deve haver um líder e um coordenador responsáveis pela comunicação direta com a cooperativa. Eles são selecionados por votação de cada grupo, com mandatos de dois anos, sendo possível a reeleição. Para ser coordenador é necessário ter passado por pelo menos um mandato como líder, assim como para os interessados na presidência da cooperativa é necessário já ter passado pela experiência de coordenar um grupo.

Além das reuniões semanais, os líderes e os coordenadores de cada grupo devem participar de uma reunião mensal, realizada RECA no primeiro fim de semana do mês. Na semana seguinte a este encontro, cada grupo faz sua própria reunião para discutir as pautas da reunião anterior entre líderes, coordenadores e RECA. Nesta reunião semanal, na qual o supervisor responsável participa, é também feito um controle de participação para ver quem está de fato engajado na cooperativa.

Participamos da reunião do Grupo 05 e do Pioneiros I. As pautas discutidas foram as mesmas em ambos os grupos, em geral elas referiam-se aos projetos atuais da associação, como o Projeto Concretizar e outros desenvolvidos com alguns parceiros, como a empresa Natura, a EMBRAPA, o BNDS, ONG Viver da Floresta que oferece mudas aos agricultores, entre outras, e sobre as dificuldades e possibilidades enfrentadas pelos agricultores no momento. Alguns pontos comuns dos grupos nos chamaram atenção. Por exemplo, ao início de toda reunião as pessoas fazem uma oração antes de começar a discutirem as pautas. É notório a forte ligação da maior parte dos membros com a religião, aliás, percebe-se a força

da religião em todo o distrito. Outro ponto observado em ambos, foi a descrença política, talvez pelo fato de estarem em uma região desinteressante politicamente para a maior parte dos políticos, que só aparecem em época de eleição realizando promessas que nunca são cumpridas.

Em ambas tivemos a oportunidade de conversar com pessoas envolvidas já a bastante tempo na organização. Na reunião do ramal 05 o espírito comunitário estava bastante presente. A cada semana eles combinam entre si em qual casa acontecerá a próxima reunião e assim vão se revezando. A casa que visitamos naquela semana era pequena, mas a forma receptiva e atenciosa com que abrigava a todos os presentes a tornava tão grande que, independentemente tamanho do seu espaço físico, parecia sempre caber mais um. Ao longo da reunião as pessoas iam se achegando e participando da conversa, como um membro da família que chega e logo se insere nos assuntos. Após o término da reunião, os membros se juntavam para um almoço comunitário. Na reunião de grupo dos Pioneiros I, havia também um espírito comunitário, porém não tão marcante como no anterior; talvez pelo fato das reuniões serem realizadas no próprio RECA e não haver um momento de integração como no grupo 05, nesse grupo o clima era um pouco mais formal.

Também estive bastante presente nas reuniões a dificuldade dos agricultores em gerir a plantação, pois muitos não possuem um controle sobre as suas áreas e quantas são as diferentes espécies plantadas no local, nem qual o valor gasto com o plantio das espécies e a manutenção destas (como irrigação, por exemplo), o que acaba dificultando muito a mensuração do lucro deste agricultor.

Anexo III - Fotos de Nova Califórnia e do Reca



1. Projeto de ampliação e modernização das estruturas do Reca



2. Sede da Administração Local do distrito



3. Unidade de beneficiamento de palmito de pupunha



4. Propriedade e plantação de Semildo



5. Equipe do Reça e pesquisadoras do Conexão Local

